

E, NO MEIO DE UM INVERSO

EU, FINALMENTE, APRENDI QUE HAVIA

DENTRO DE MIM,

UM VERÃO INVENCÍVEL.

(Atribuído à Albert Camus)

AGRADECIMENTOS

Ao meu querido marido Wellington, por toda paciência e entendimento de que a arte é alimento para minha alma.

Aos meus filhos, Roberta, Ana Carolina, Gabriel e Rafael, elementos de renovação da minha existência.

Aos meus netos João Paulo e Beatriz, que me inspiram e tornam meus dias mais leves.

As mulheres que correm na minha corrente sanguínea, pelo reforço.

A minha mãe amada, que me afiança que sou Luz em forma de gente, e eu acredito.

Aos meus colegas e aos meus professores que me acompanharam; pela amizade, estímulo e orientação sólida e constante.

Gracias Madre por Cuanto me Dás,

A todos...Gratidão.

ARTES VISUAIS – TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Teórica – TCC - Pintura

2º Semestre de 2017

Código: EBA031

Departamento Ofertante: Artes Plásticas

Aluna: Thelma Rodrigues de Quevedo

Orientadora: Christiana Quady

Título: Pele 60+ - Série: Craquelar-se

Nenhum conjunto de notas pode explicar as nossas pinturas. A explicação tem de advir de uma experiência consumada entre pintura e o observador. A apreciação da arte é um verdadeiro casamento de mentes. E na arte, como no casamento, a ausência de consumação é fundamento para a anulação” (Rothko, Mark, 2010).

CORPO 60+ - SÉRIE CRAQUELAR-SE



Fig. 1 - Selfie - *Autorretrato* - 2015

TÍTULO DO PROJETO:**CORPO 60+ - SÉRIE CRAQUELAR-SE****PALAVRAS CHAVES****FÉ - CORPO - PELE - COURO - PINTURA - EXPANSÃO - RECONEXÃO****CONCEITUAÇÃO**

O título deste projeto, foi a descoberta que aos 60 anos sou um corpo vivo, e como tal, mutante. O nome é apenas o reconhecimento agora, de uma etapa dessa transitoriedade. Portanto o título se refere apenas a uma parte do processo - Corpo 60+ - Série Craquelar-se.

Esse projeto revelou-se a mim, lentamente, ao passar destes 4 anos de experimentos, e é dessa caminhada, dessas descobertas, que tratarei.

Fui escolhida por esta questão, pela primeira vez, ao fotografar-me (fig. 2, 3, e 4 - selfies), e me deparar com aquelas imagens de mim mesma aos 60 anos, com um corpo em plena expansão: maduro, repleto, coberto por uma pele intensa, forte e com sinais de grande movimentação interna e externa; corpo-pele, elástico, já craquelando, anunciando rompimentos, dilatações e explosões.



Fig. 2, 3 e 4 - *Autorretratos* - Selfies - 2015

Eu estava diferente!

Que corpo ritmado é este? Qual é o som que rege esta orquestra? Este som tinha cor. A cor vermelha da consanguinidade. E que sangue é este? Que pele é afinal?

Revelei estas fotos e as levei para a apreciação da Professora Christiana Quady, que ao vê-las propôs: “a partir destas fotos, traga-me algo”.

Aquelas imagens revelavam múltiplas questões. Num instante eu estava diante de mim. Nua de cabeça e dorso, de cérebro e coração. Um impacto entre estes eus. Creio que este encontro foi para mim, como foi para a artista plástica Christiana Quady quando se deparou, com o quadro de Jean-Auguste-Dominique Ingres (La Baigneuse de Valpinçon - 1808), descrito tão poeticamente, na sua Tese de Pós-Graduação, A Representação da Pele na Pintura, 2012, na página 37:

“O momento da visão do quadro de Ingres correspondeu a uma descoberta de grande impacto associada a um momento preciso de colisão entre meu olhar e o quadro. Assim como uma concha intrigante escondida sobre a areia, uma pedra com inusitado torneado sobre a grama, que parece esperar por seu tropeço, seu olhar desavisado num momento de esquecimento ou divagação desinteressada. Os achados, que são na verdade objetos fortuitos já estavam instalados em nossa imaginação (...), aguardando a hora certa para se revelar. E esse é um momento de aterradora materialidade (...). A reflexão sobre a colisão e a necessidade de sua compreensão geraram imagens...” (QUADY Christiana, 2012).

Eu aceito o desafio.

Só havia uma certeza: estas imagens formadas em minha mente, seriam representadas por cabeças e dorsos: donde estão localizadas as áreas de comando de todo o resto do corpo - O Cérebro e o Coração.

Meu dorso sustenta minha cabeça.

Meu coração trabalha conjunto com meu cérebro.

DESDOBRAMENTOS

Surge uma série de pinturas em acrílico sobre tela intituladas “O Som no Corpo I, II e III” (Fig. 5, 6, 7 e 8). Uma série composta de três trípticos. Cada um desenvolvendo um movimento sonoro. A exemplo: “O Som do Corpo I” (Fig. 5, 6 e 7), que expressa o desenvolvimento da gargalhada. Alguém que saboreia um som, capaz de provocar, num crescente, uma gargalhada. Foi maravilhosa esta experiência. Trabalhar com desenhos pintados, apenas alusões ao que a figura poderia vir a ser, sem me preocupar com finalizações; só e simplesmente executar o ritmo imposto por aqueles sons. Amei este momento porque eles produziram em mim uma memória de ação e felicidade.

Figuras repletas, figuras surdas, sem orelhas. Figuras do íntimo, que se encantam com a descoberta dos seus próprios sons internos e com eles se satisfaz.

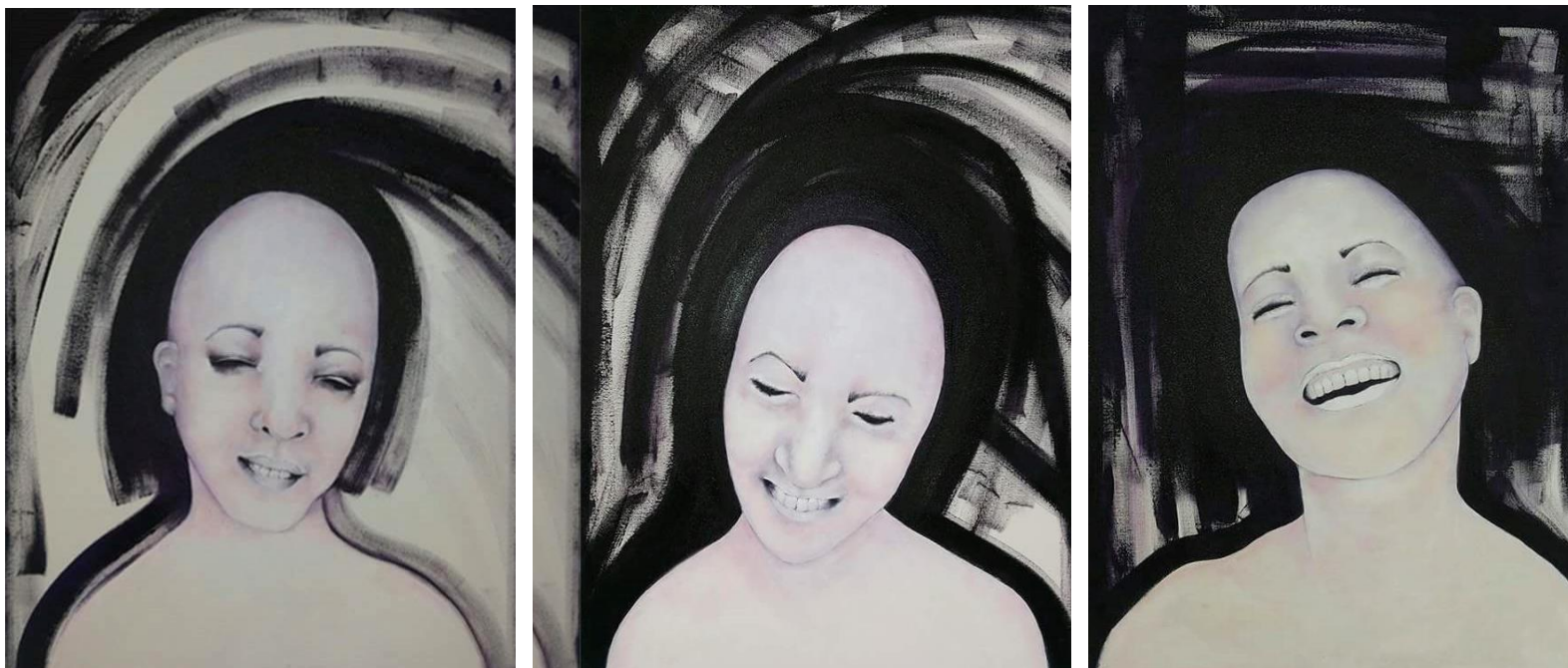


Fig. 5,6 e 7 - Thelma Quevedo - Tríptico A.S.T. - *O Som no Corpo I* - 2015

Os outros trípticos II (Fig. 8) e III ainda estão em andamento. Representam outros sons.



Fig. 8 - Thelma Quevedo - A.S.T. - *O Som no Corpo II* - 2015

Eu queria mais, queria uma experiência com o sublime.

Nesta altura, a Academia (UFMG) exigia um projeto - Um projeto executado em pintura. Esses projetos são sempre íntimos, difíceis de compartilhar. Precisava me debruçar sobre questões delicadas e brutas do sentir - Jorrar.

Muito choro, muita raiva e um abraço.,

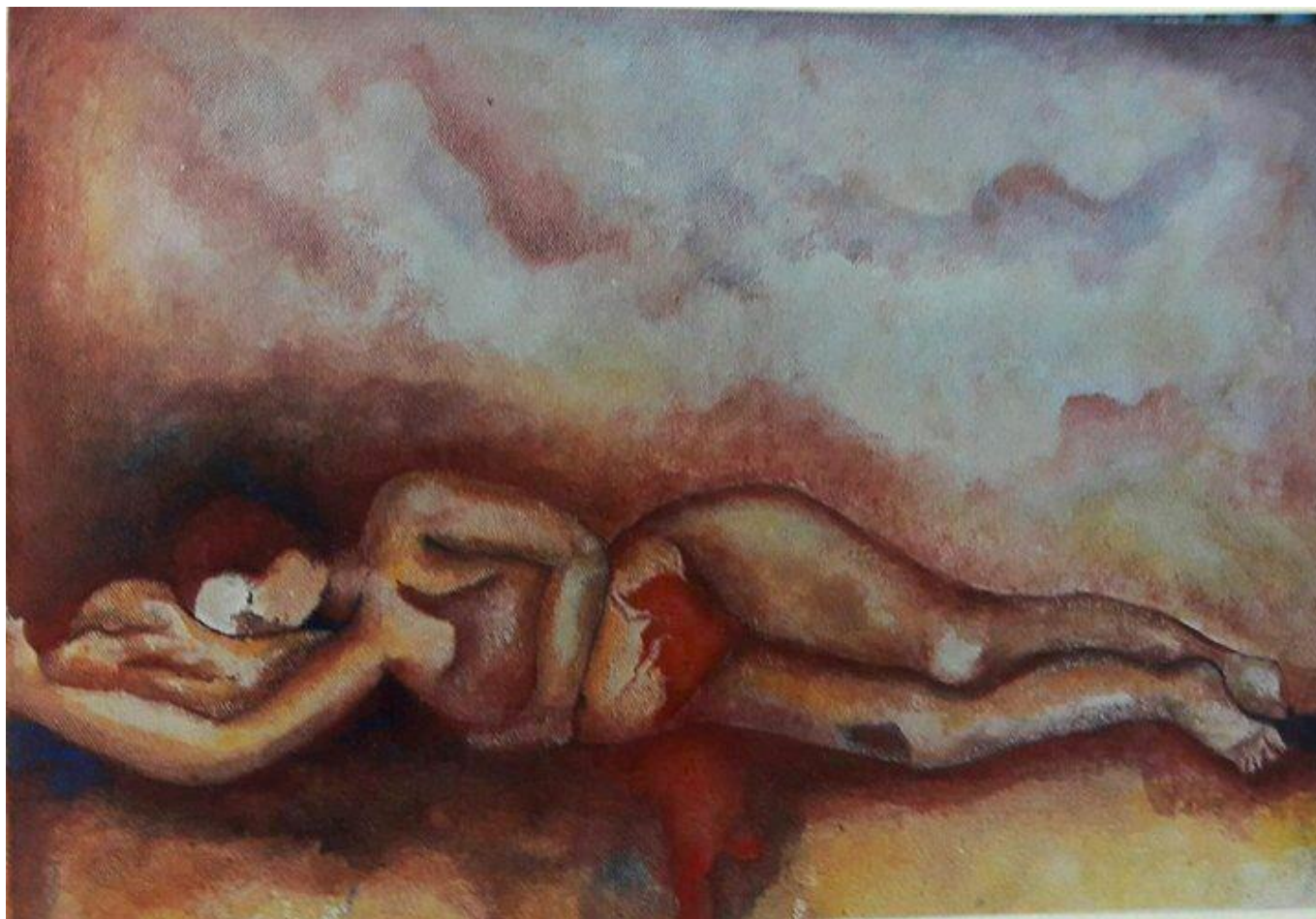


Fig. 9 - Thelma Quevedo - A.S.T - *Jorrar* - 2015

Eu sou um corpo vivo, uma mutante.

Transformar. Transformar. Transformar.



Fig.10 - Thelma Quevedo - A.S.T. *Couro de Peixe* - 2015

Muitas preocupações, muitas questões, muitas anotações em vários diários de bordo, e uma reflexão recorrente: Se tudo reflete nesse corpo, transparece na pele; então este “tudo” vem de dentro, mas também vem de fora. Corpo como para-raio do sentir. Muitas descobertas, mas também muitas perguntas: O que é o corpo? O que é pele? Porquê pele feminina? Que relação há entre pele e as fotos/selfies? Que relação há entre a pele e a corrente sanguínea? Que relação há entre o sangue e a hereditariedade? Que sangue é este? Do que ele está contido? Há nele uma qualidade não esperada. Com certeza esta qualidade não é responsabilidade das indústrias de cosméticos e medicamentos, pois não faço uso deles.

Olhar-me não me transforma em um narciso, que neste ato encontra o belo, mas ir além, numa viagem de profunda reflexão e reconhecimento. Assim como Mark Rothko gostaria que nós expectadores, comportássemos diante de um quadro seu: olhar com olhar profundo. Uma pele diante de mim.

Como representá-la no plano bidimensional? Então me distancio um pouco e retorno a Tese de Pós-Graduação, A Representação da Pele na Pintura, de Christiana Quady, página 35: “A construção de uma pele é, então, quase um exercício filosófico que reflete uma visão individual. Mas se a pele é por excelência o objeto, este não se apresenta isolado, mas representado. (...) A substituição da pele pela pintura engendra tanto o mecanismo de mimesis, quanto de criação”.

Eu digo então que tenho uma consideração a fazer: eu tenho um projeto.

Um projeto que busca respostas. Com a consciência das possibilidades dessa representação, observo e percebo este feminino corpo, e vislumbro outros tantos corpos femininos contidos nele (fig. 12); e os reconheço e sou reconhecida. Ligados estão por uma corrente sanguínea familiar, feminina, humana, numa consciente força tarefa, que objetiva o caminho da transformação e da expansão. Já não sou eu. “UBUNTU - Eu sou porque nós somos” (cultura da tribo africana Xhosa e Zulu). UBUNTU exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade.

Eis para mim o sublime



Fig. 11 - Foto de minha mãe Yamar alardeada por suas irmãs Swami e Marília - 2015

Eis a razão e relevância para uma representação física e artística desse reconhecimento. Outras existem na contemporaneidade - corpos 60+.

Como representá-los em sua potência? Em seus extremos? A movimentação interna neles me inquieta.

Tudo parte da observação e entendimento destas imagens minhas, destes corpos; mas quanto mais as examino, mais perguntas surgem. Mesmo depois da execução dos trípticos I, II e III, ainda não estava satisfeita com as respostas e com a forma de execução deste projeto.

Começo a estudar este corpo/pele, sua ancestralidade e reconheço estas heranças. Esta genética. Então estabeleço minha árvore genealógica, feminina, familiar (Fig.12). Todas mulheres que correm na minha corrente sanguínea (Fig.13 a 21).

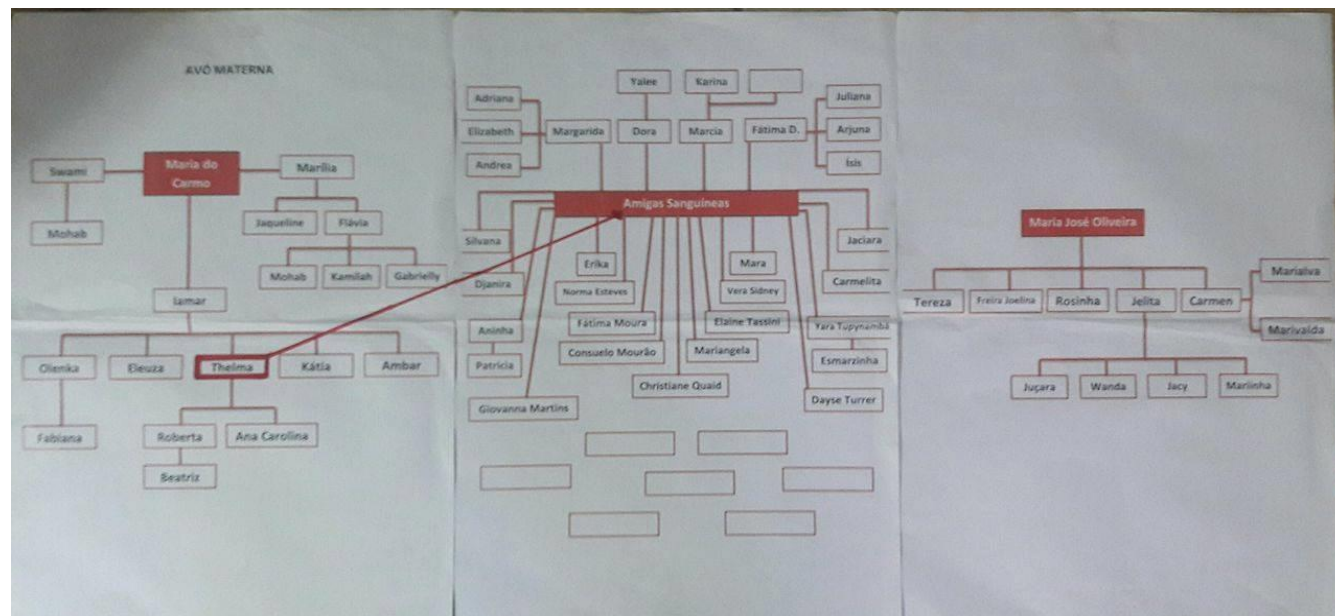


Fig.12 - Thelma Quevedo - Árvore genealógica feminina - 2015

Executo, a partir daí vários retratos em A.S.T.40x30, dessas mulheres contidas neste corpo/pele: mãe, avós, tias, primas, filhas, neta e amigas.



Fig.13 a 17 - Thelma Quevedo A.S.T. - *Fabiana, Giovana, Carolina, Marília* e Aquarela sobre papel *Christiana* - 2015.



Fig.18 a 21 - Thelma Quevedo A.S.T. - *Flávia*, minha mãe *Yamar*, *Mohaby* e *Swami* - 2015.

O meu sangue rege o meu corpo.

“Não sou nada. Nunca serei nada. Não posso querer ser nada. À parte isso tenho em mim todos os sonhos do mundo” (FERNANDO PESSOA, 2011).

Simultaneamente, no estudo dessa representação pictórica, desse repleto corpo/pele 60+, que craquela; repenso o papel da pele como nossa maior cobertura, nosso maior e visível órgão, medindo 1,80m, e a forma como ela se manifesta, trazendo à tona suas emoções. Posso entender como será complexa a sua representação.

Um adendo: faltei à aula de Desenho do Professor Eugênio Paccelli, partindo em viagem à Recife. Os alunos deveriam desenhar, em grande formato, e sobre papel kraft. Um exercício instigante e espontâneo. Tomei como desafio, e em casa, antes de viajar, de posse de uma cópia destas fotos/selfies, folha de papel kraft, cola branca, tinta acrílica e lápis pastel seco; início uma experiência que iria mudar toda a minha compreensão anterior sobre pintura. A partir deste exercício começo uma busca repetitiva, que resultou em uma série de vários trabalhos, em grande porte (150x100), com referência a essas imagens. Colagem sobre papel Kraft. Pintura sobre papel kraft. Pintura sobre o imperfeito. Imperfeito sobre o imperfeito.

Eu encaro estas emoções extremas.

O processo de execução é “aparentemente” simples. O desafio é fazer o papel responder ao que este corpo/pele pretende. Uma experiência intensa, muito satisfatória, muito confusa, muito “junto e misturado” (expressão popular).

**PINTURA SOBRE PAPEL KRAFT - CORPO 60+ - SÉRIE CRAQUELAR-SE
FÉ - FECUNDA - MENTE - FUNDA - EXPANSÃO**

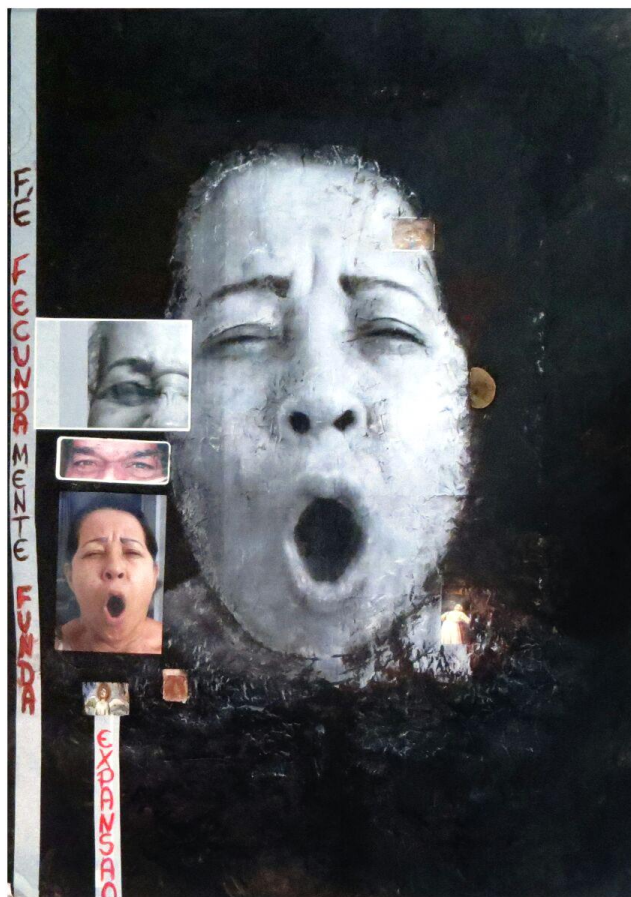


Fig. 22 - Thelma Quevedo - Colagem s/ papel kraft - *Processo que não tem fim* - 2016

1. Colagem da cópia das fotos/selfies, sobre papel kraft..
2. Pintura em técnica mista sobre colagem.
3. O papel kraft enruga espontaneamente.
4. Pintura sobre esta colagem, trabalhando com as possibilidades do acaso, como soma das emoções e das crenças.

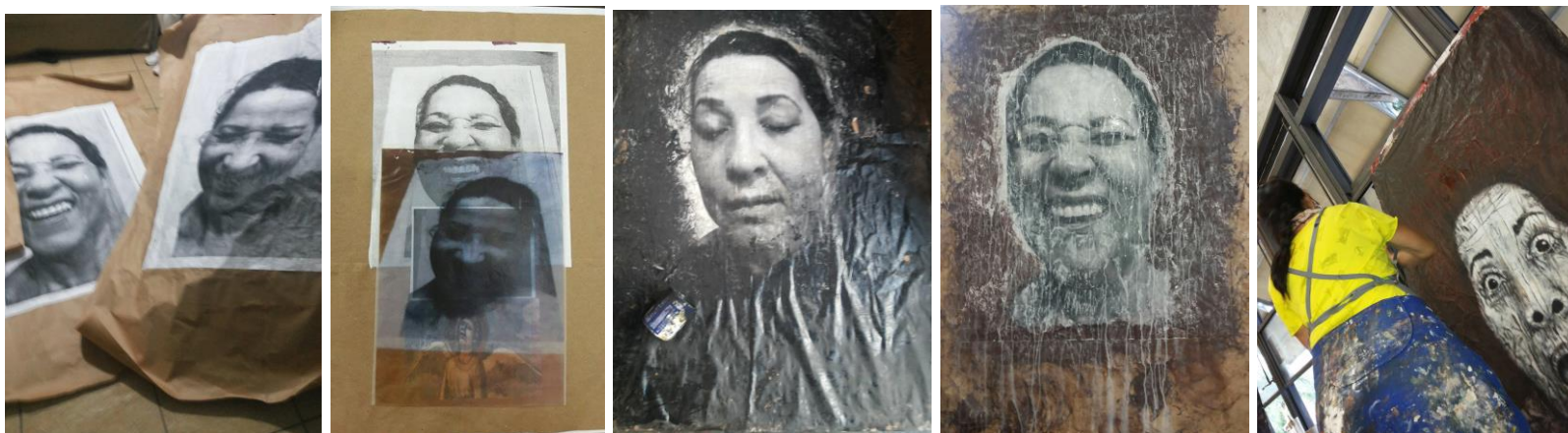


Fig. 23 a 27 -Thelma Quevedo - Técnica Mista s/ papel Kraft - *Processo que não tem fim* - 2016

Na forma de representação expressionista, encontro identificação. São cabeças e dorsos grandes, contidas de expressões extremas, até austeras. Um trabalho de fé. Um trabalho de busca e auto reconhecimento.

Muitos me chamam de popular, nisto me identifico com o papel kraft. Uma dupla identificação - Imperfeições sobre imperfeições. Thelma sobre Thelma. Pele sobre pele.

Identifico-me também com os expressionistas abstratos, embora execute pinturas com figurações, pois para mim tudo é abstração.

Para Willian Seitz, artista nova iorquino, o que caracteriza os Expressionistas Abstratos é que: “Eles valorizavam a expressão mais do que a perfeição, a vitalidade mais do que o acabamento, a flutuação mais do que o repouso, o desconhecimento mais do que o conhecimento, e o interior mais do que o exterior. Referem-se mais ao processo do que ao estilo, se preocupando em expressar sentimentos” (Seitz, Willian, 2010).

Então, seria eu uma expressionista abstrata?

Escolhendo uma paleta curta e vibrante, penso no artista plástico Mark Rothko (Dvinsk, Rússia - 1903/1970), para representar essas expressões. Ver-me nesses campos de cor/matéria, na ausência absoluta de margens, é fazer reverência a liberdade e a explosão anunciada.

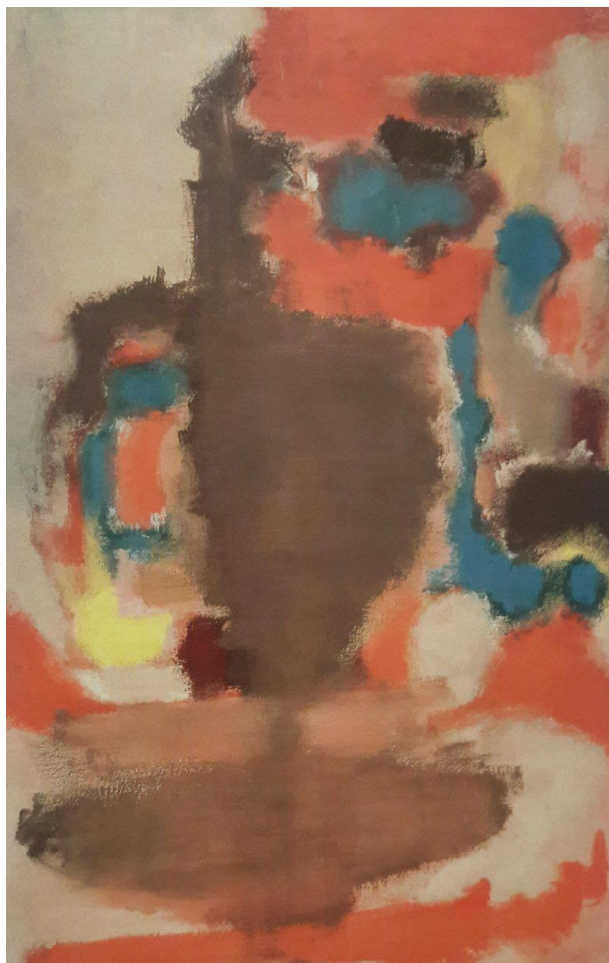


Fig. 28 - Mark Rothko, s/ título - óleo s/ tela - 1948



Fig. 29 - Thelma Quevedo - Téc. mista s/ tela - s/ título - 2017

Eu também queria me expressar



Fig.30 a 33 - Thelma Quevedo - Técnica mista s/ papel kraft - *Albergueiras* - 2016



Fig. 34 a 37 - Thelma Quevedo - Técnica mista s/ papel Kraft - *Albergueiras* - 2016

Como albergueira, hospedo em mim estas mulheres: avós, mãe, tias, sobrinhas, filhas, neta e amigas, que há muito se calaram, seja sobre suas dores ou suas alegrias extremas. São corpos contidos delas, nesta hospedagem permitida, que todas se manifestam em sua plenitude. Falam de suas emoções irresistíveis e dos desejos da alma. Liberam suas memórias contidas, que hoje são impossíveis de calar. Nesta manifestação interna de liberdade, as emoções explodem e o corpo craquela em expansão, num esforço de dizer.



Fig. 38 - Giotto di Bondone - Afresco - *Ira* - 1306.

Um adendo: num contato constante e vital com os povos da cerâmica, os professores/mestres Joyce Saturnino e João Cristelli, fui com eles a uma viagem à Estância Hidromineral da Coca-Cola (fig.39 a fig.41), buscar pigmentos minerais. Foi uma das melhores coisas que fiz neste período. Conhecer os pigmentos, que aliados a outros aglutinantes, ampliaram a minha visão sobre as possibilidades na pintura. Era visceral. Era carne, era corpo e era pintura.

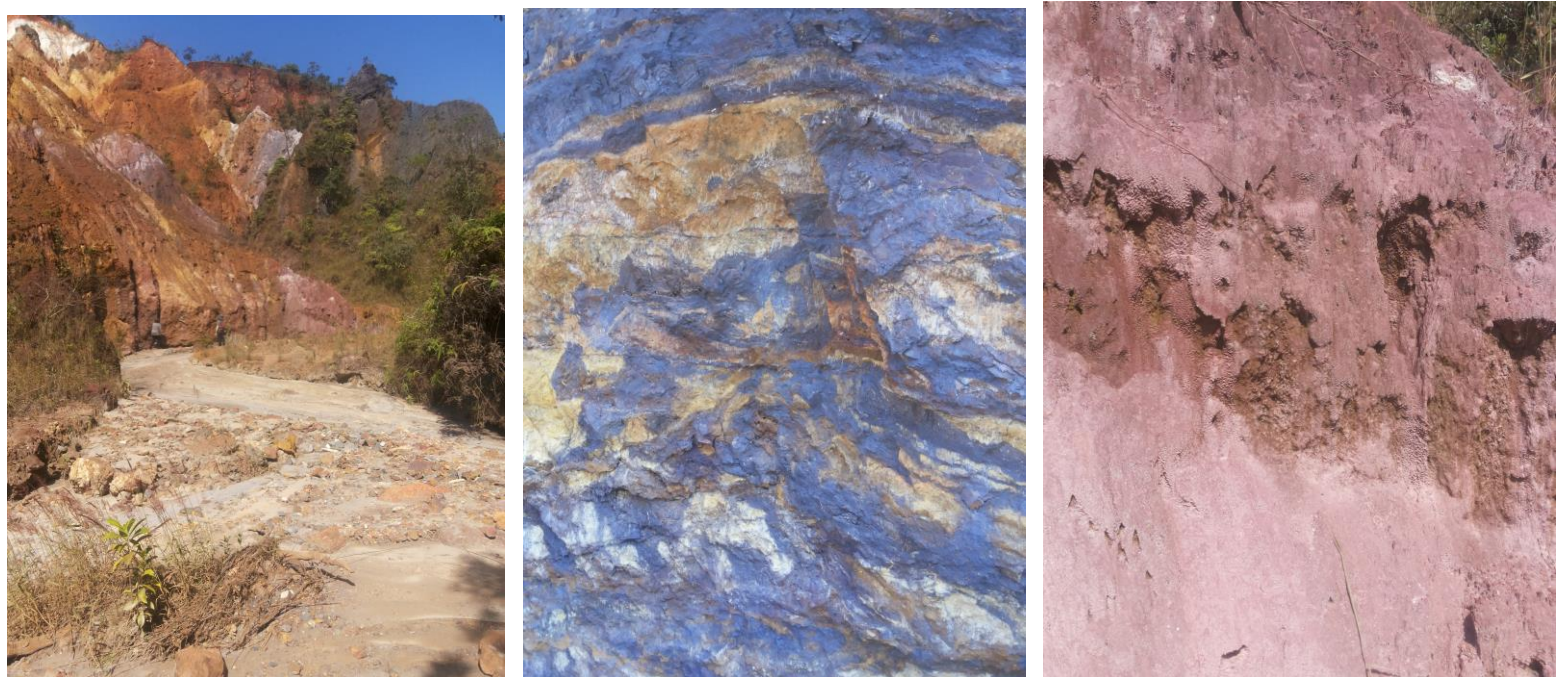


Fig. 39 a 41 - Estância Hidromineral da Coca-Cola - 2015

Neste contato, experimentando e reexperimentando, descubro novos aliados e complementares. Impossível dissociar pintura de escultura. Além de usar essas massas - pigmentos naturais, em pintura, executei 10 trabalhos em cerâmica vitrificada (fig. 42 a 51); num processo ainda inacabado, representando estas expressões extremas. É tudo massa, barro, mãos e sentimentos, na incorporação desses estados de espíritos e nas delicadas mudanças desses corpos/cabeças.



Fig. 42 a 51 - Thelma Quevedo - Cerâmicas Vitrificadas - *Processo que não tem fim* - 2016

Eram outras também de pedra e madeira. A matéria do que somos feitos parece evocar a duração e expressão do nosso tempo. E diante da pedra bruta? Ferir como, se é pele? Detalhe ou trecho? A pele reflete a luz do nosso mudo interior. Madeira, ferro, pedra e barro.



Fig. 52 a 55 - Processos: Cerâmica - 2015, Madeira - 2016, Pedra – 2016, Metal - 2017.

Transformar, transformar e transformar.



Fig. 56 - Estância Hidromineral da Coca-Cola - 2015

É difícil trabalhar com estas massas: o barro, a pedra, e o metal. Mais o embate se justifica, por estar entre a luta e a trégua, entre o talho e a explosão.

Eu faço o meu corpo da massa que eu quiser.

Ainda na busca da representação pictórica, por melhores resultados, executei três pinturas em acrílica sobre tela (110x100), conforme imagens (fig. 57 a 59). Aqui, não só me preocupei com os efeitos craquelar-se, mas também com a ideia central do projeto – expansão, explosão e reconexão. Corpos que repletos, maduros, rompem e explodem como o Sol, em milhões de pedaços, entrando em reconexão com o universo, e cada pedaço se transformando em seres únicos em importância. Foram três telas, que expressam três momentos:

- 1 - De tranquilidade, quando da consciência que o craquelar é coisa certa e boa.
- 2 - De satisfação pela explosão, como certa e boa.
- 3 - De extrema felicidade, pelo reconhecimento de que o reconectar-se com o universo é coisa certa e boa.



Fig. 57 - Thelma Quevedo - A.S.T. - *Coisa Certa I - Expansão* - 2016



Fig. 58 - Thelma Quevedo - A.S.T. - *Coisa Certa II – Deslocamento* - 2016



Fig. 59 - Thelma Quevedo - A.S.T. - *Coisa Certa III - Reconexão* - 2016

Eis a experiência com o sublime

Cabe reafirmar, que este é um projeto em processo, que busca na experimentação a materialização da conscientização do que se é “no agora”: um corpo em expansão. Um corpo, uma pele, um couro, uma pintura.

Uma pintura contaminada pelo pintor/escultor alemão Anselm Kiefer (1945), por sua busca, espiritualidade e pelo resgate de um corpo forte e santo (a Alemanha); como crença no renascimento e renovação contínua da vida, por suas sobreposições, pela aparente fragilidade dos seus trabalhos, contrastando com temas austeros, e também por seus corpos-livros de chumbo alados, na busca pela liberdade consciente da expansão como evolução.



Fig. 60 - *Kiefer Rodin* - Anselm Kiefer- 2016



Fig. 61 - Thelma Quevedo - Téc.mista - s/ título - 2017

Eis o sublime craquelar-se. O reconhecimento do sublime em mim. Em nós.

Sobreposições, sobreposições, pele sobre pele. E num instante...craquelar-se. É o sem fim, mas como escreveu Albert Camus: “Não posso não fazer” (uma citação não localizada). E como eu digo: Não podemos, simplesmente não existir.

PINTURA COM PIGMENTO SOBRE TELA

PELE - CORPO - COURO - PINTURA - EXPANSÃO - DESLOCAMENTO

Somos terra revolta.

Segundo Smithson, Robert: “(...) Carregar e derramar se tornam uma técnica interessante. (...) A mente e a terra encontram-se em um processo constante de erosão. (...) “Somos uma geologia abstrata” (Ferreira, Glória e Contrim, Cecília, Escritos de Artistas, anos 60/70, 2006). Nesta concepção, sobreponho e sobreponho; carrego e derramo, na busca pela representação artística deste estado de craquelar-se.

Após uma longa pesquisa de como provocar o craquelado em tecido, chego ao melhor procedimento possível para obter os resultados desejados na feitura desta pele (fig. 62 e 63).



Fig. 62 e 63 - Processo Craquelar-se - Ateliê pintura II – 2016

Primeiros Passos:

A – Dentre as minhas selfies, escolho uma para a feitura dessa representação. Penso em uma paleta reduzida de cores associada àquela emoção-expressão.

Estabelecida esta prioridade e considerando a tela virgem como “primeira pele”, dedico-me a ela no tratamento da aplicação da “segunda pele”. Nela deposito uma camada de látex branco, misturada com pigmento xadrez e pigmento mineral, na qual desejo ter como fundo.

Tempo de observação e secagem.

B - Na aplicação da terceira pele, preparo uma farta camada de látex branco + massa corrida + pigmento mineral e xadrez numa mistura de cores, que desejo como segunda opção. Cores contrastantes com a segunda, de preferência. Cabe observar aqui, que todas as camadas se refletirão umas nas outras; então todas as cores, deverão ser pensadas como componentes importantes desta composição.

Tempo de observação e secagem.

C - Como “quarta pele”, outra camada de látex branco + massa corrida + pigmentos xadrez e mineral na cor que desejo como terceira opção, acrescida de gesso, e este provoca uma movimentação que parece roubar toda a cor já aplicada; mas também aumenta a massa.

Tempo de observação da movimentação e secagem.

Percebo aqui, que estas camadas, são como a **hipoderme**, a mais profunda das camadas da pele (Fig. 64), formada pelos vasos sanguíneos e células de gordura que funcionam como isolamento térmico e dão forma ao contorno do corpo.



Fig. 64 - Camadas da Pele

E justo por isto, desenho sobre esta pele, que já começa a se tornar “couro”, a expressão do rosto daquela que seremos nós. Já estamos em formação.

Tempo de observação da movimentação

E - Como “quinta pele”, uso para a pintura deste rosto/expressão/corpo, uma massa de látex branco + massa corrida + pigmento xadrez e mineral da cor que desejo ser a última referência de cor, acrescida de uma pequena dose de tinta acrílica, buscando equilíbrio, sustentação e ajuda na recuperação das cores aplicadas. Esta camada será preparada como a **Derme**, aquela camada intermediária, responsável pela sustentação e nutrição do corpo, e por isto forte o bastante para suportar o momento do Craquelar-se.

Literalmente, e não como num encantamento, quebro esta pele, sem respeito e sem constrangimentos. Torço, retorço, puxo e estiro, até fazê-la craquelar, justo como são as coisas do mundo real. É a verificação da capacidade de suportar as intempéries.

Tempo de observação e secagem.



Fig. 65 – Processo da Quebra – Ateliê de Pintura II - 2016

F - Segundo Smithson, Robert: “(...) Colapsos, deslizamentos de escombros, avalanches, tudo isso acontece dentro dos limites fissurados do corpo (...) o corpo todo é sugado (...) onde partículas e fragmentos se fazem conhecer como consciência sólida” (Contrim, Cecília e Ferreira, Glória, Escritos de Artistas, 60/70, 2006).

O tratamento desta “sexta pele” com uma nova aplicação de massa corrida + pigmento xadrez e mineral, látex branco e pitadas de tinta acrílica, visa obter mais uma sobreposição de matéria.

Depois deste momento, ainda sobre essa sexta pele, executo um outro tratamento. Aqui não há tempo de secagem, pois acrescento imediatamente a tinta acrílica diluída e o látex branco, aplicadas com pinceis pequenos, trabalhando ponto a ponto, parte a parte, estabelecendo conexões e ajustamentos destas partículas, desses fragmentos, num trabalho de fechamento da composição. Ao estabelecer, por exemplo, fendas mais largas ou mais profundas aqui e ali.

Tempo de observação.

G - “Sétima e última pele”: novas camadas de massa corrida, pigmentos xadrez e mineral e mais tinta acrílica (nutrição, sustentação e equilíbrio). Eis aqui o que seria a **epiderme**, o contato com a superfície, o couro final, aquele que se apresenta.

É o momento dos claros e dos escuros, das sombras e das luzes, e de estabelecer a forma final, o couro final, quando o craquelar expande-se por toda a tela.

Trabalhar com estas transformações, estes fragmentos, é trazer ao sol sua proteção. A sétima pele-corpo-couro.

Já não sou eu, sou porque somos.



Fig. 66 a 68 - Thelma Quevedo - Técnica Mista s/ tela - s/ título - 2016/2017

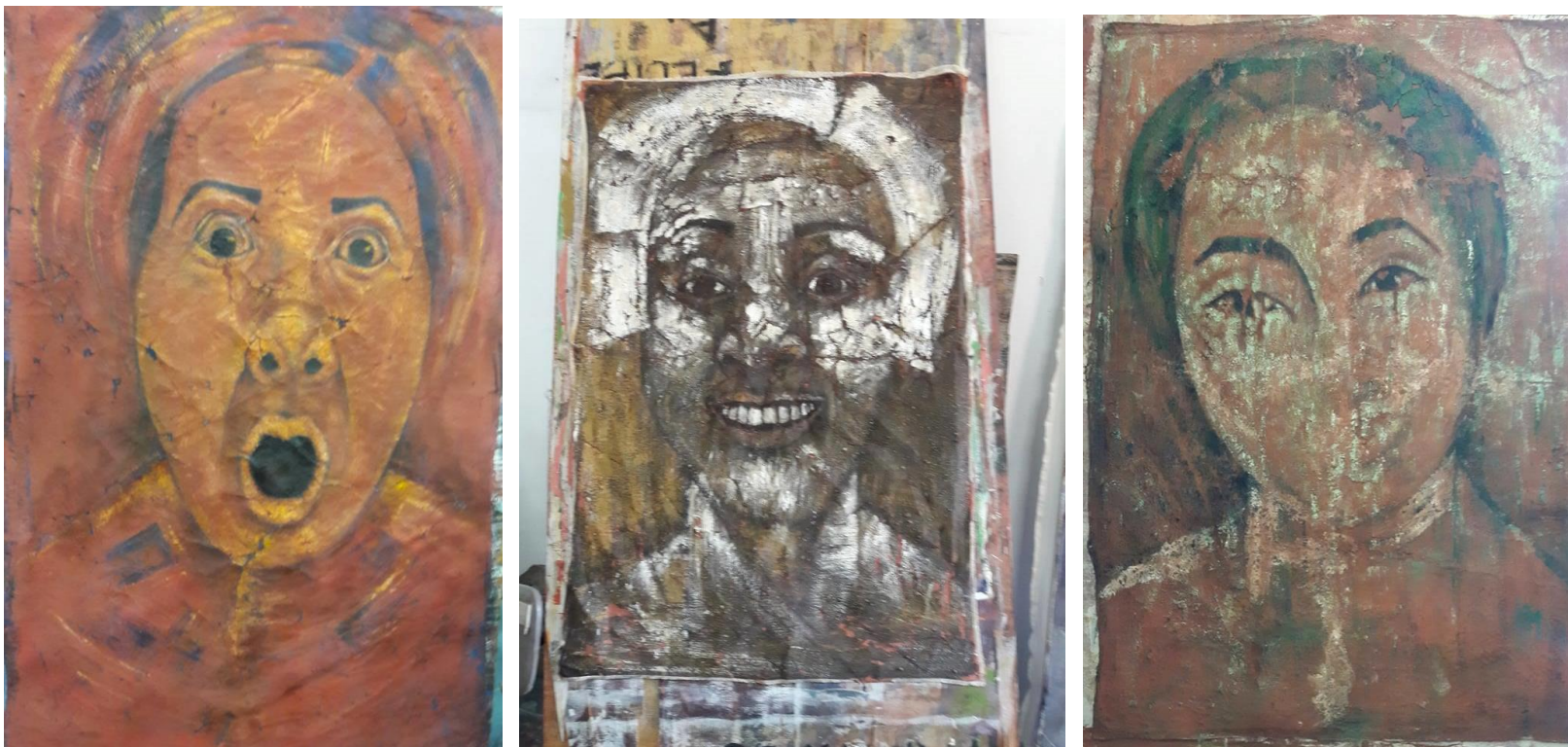


Fig. 69 a 71 - Thelma Quevedo - Técnica Mista s/ tela - s/ título - 2017

EXPANSÃO

Fig.72 - Thelma Quevedo - Técnica mista s/ tela - s/ título - 2017

Ao finalizar a narrativa desses processos, traço um paralelo entre Rosângelas Rennó e Thelmas Quevedo: “(...) nasceu por muitos e muitos dias. Não que sua mãe fossem várias. Mãe é uma só, dizia aquelas já crescidas. (...) Sequer seu pai eram muitos; ao contrário, era um único na vida de sua única mãe. Somente elas era umas: Rosângelas, este conjunto unitário, esta dízima periódica, este singular plural (Rennó, Rosângela, 2008)

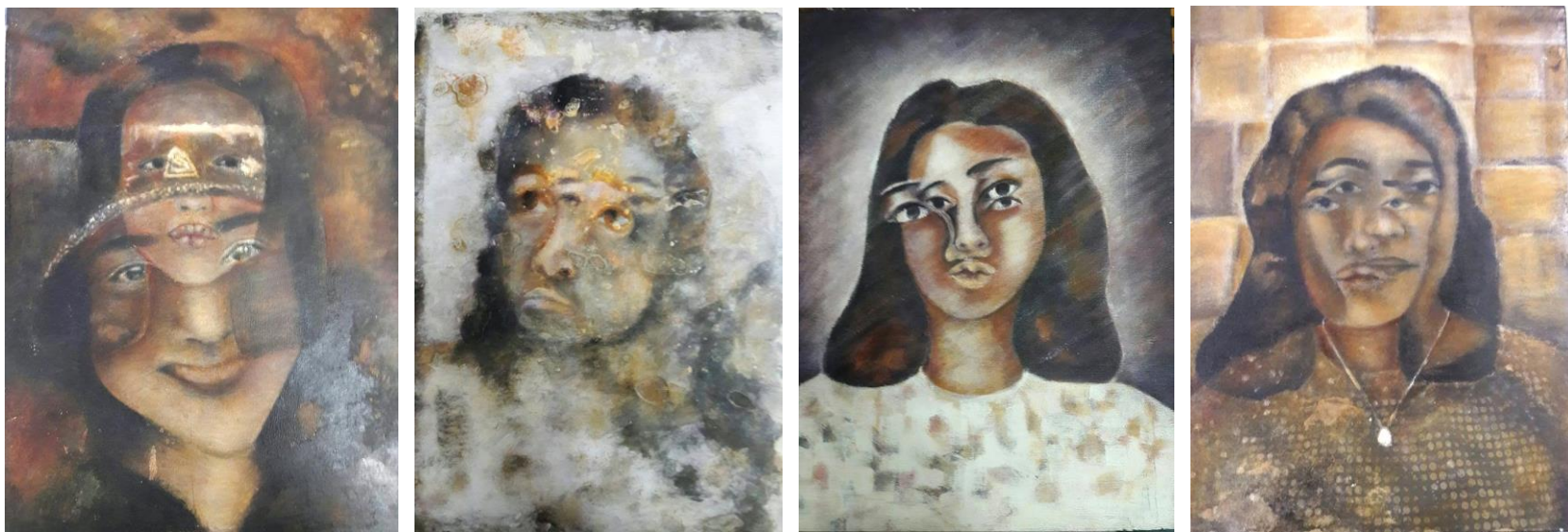


Fig. 73 a 76 - *Autorretratos* (eu s/minha filha, eu s/ minha mãe e minha mãe s/ mim, minha filha s/ mim, e eu sobre minha filha) - Acrílica s/ foto transferência - 2016

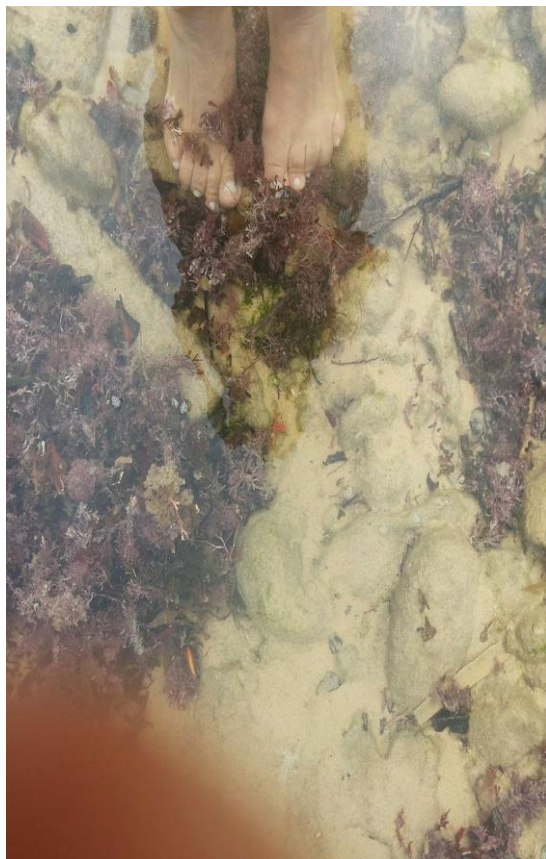
DESLOCAMENTOS

Fig. 77 - Foto do Mar de Trancoso/BA - 2016



Fig. 78 - Thelma Quevedo - Técnica mista s/ título - 2017

Thelmas, nascida de uma única mãe, de uma corrente sanguínea humana, feminina, familiar, de avós, de tias, de irmãs, de primas, de neta e de amigas, “este conjunto unitário, esta dízima periódica, este singular plural” (Rennó, Rosângela, 2008), que se deslocarão para espaços livres, em plena expansão. Uma pele-corpo-couro, em reconexão com os espaços, com o universo à sua volta.

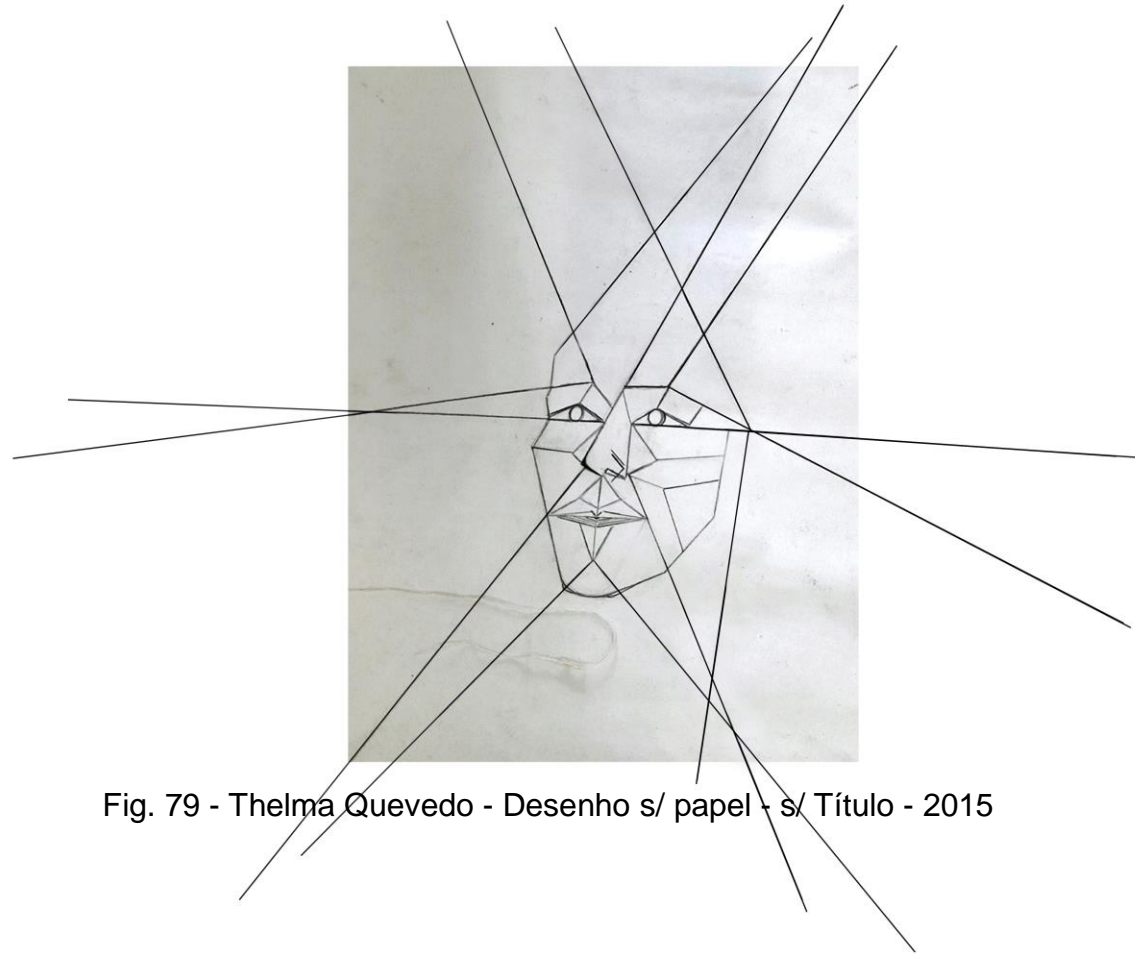


Fig. 79 - Thelma Quevedo - Desenho s/ papel - s/ Título - 2015



Fig. 80 - Pintura exposta em portal de uma casa na R. Irlanda, BH - 2017



Fig. 81 - Pintura exposta no Viaduto da Estação MOVE Pampulha, BH - 2017



Fig. 82 - Pintura exposta no Viaduto da Estação MOVE Pampulha, BH - 2017



Fig. 83 - Pintura exposta no Viaduto da Estação MOVE Pampulha, BH - 2017

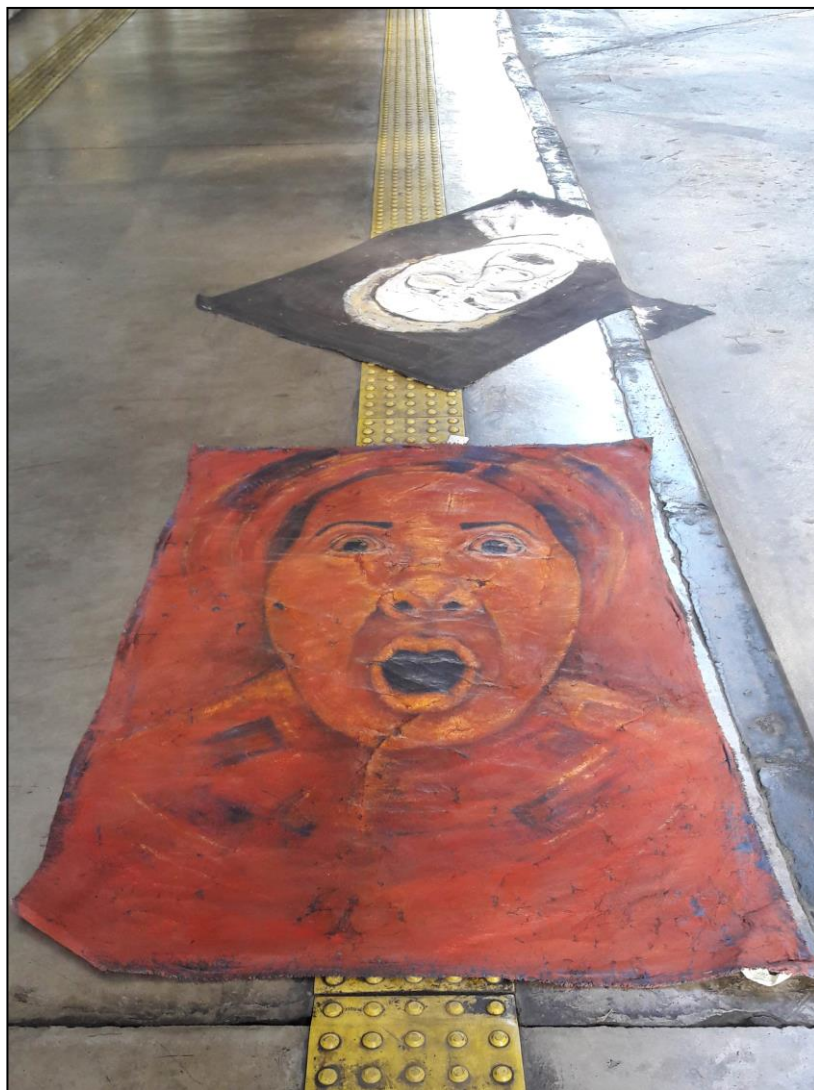


Fig. 84 - Pintura exposta na Estação do MOVE Pampulha, BH - 2017

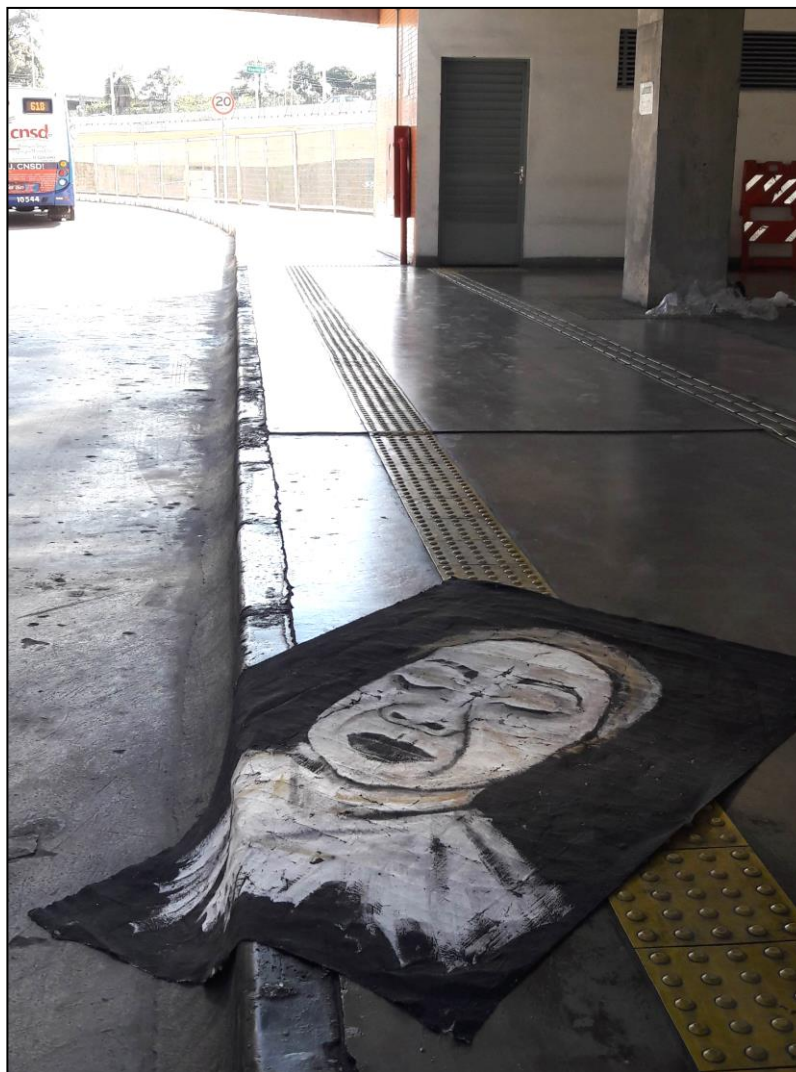


Fig. 85 - Pintura exposta na Estação MOVE Pampulha, BH - 2017



Fig. 86 - Pintura exposta na Estação MOVE Pampulha, BH - 2017

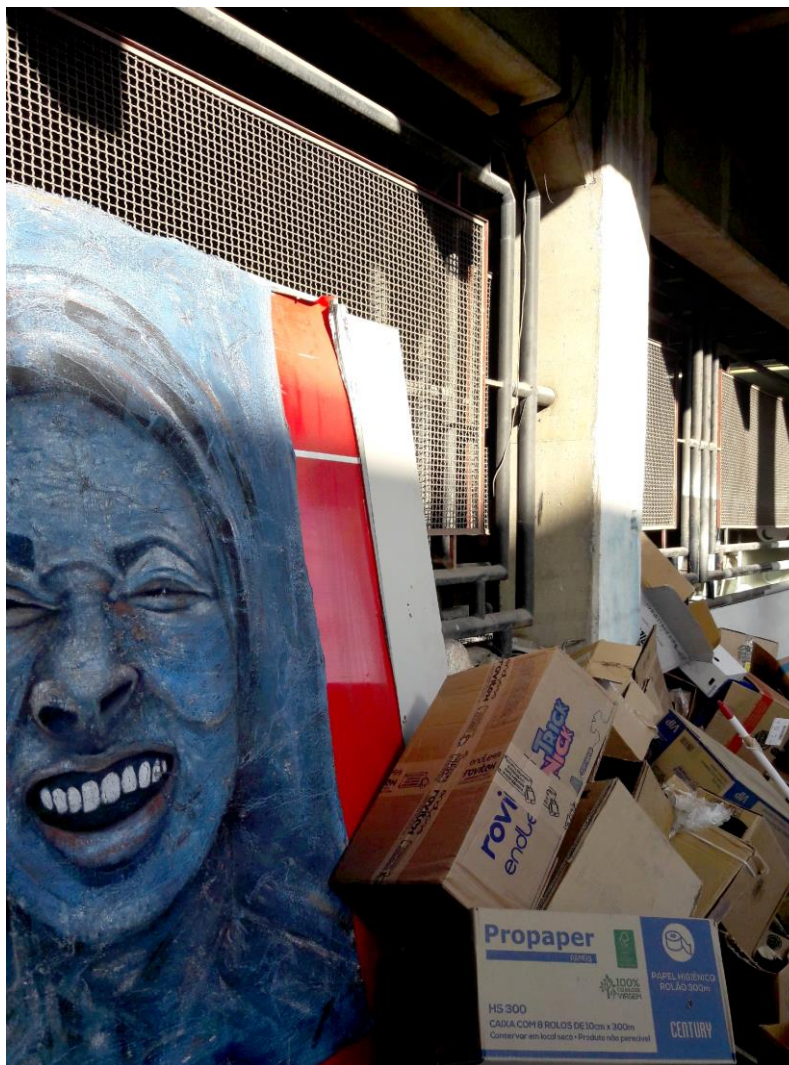


Fig. 87 - Pintura exposta sobre escombros na rua Irlanda, BH - 2017



Fig. 88 - Pintura exposta no muro da Av. Pedro 1º - Pampulha, BH - 2017

CONCLUSÃO

Este é um projeto inconcluso. Sem fim. Sou um mutante.

Então porque concluir? Por pura necessidade de fechar uma etapa, que também não se fechou?

Eu digo que sim.

Cabe um “tempo de secagem e observação”. Um tempo de pausa e reflexão. Um arranque para outras etapas.

No princípio foi a descoberta do silêncio do repleto, a contenção na ausência de orelhas, do só ouvir-me, por sentir-me tão “tudo”, tão “todas”.

Da difícil intimidade das paredes de um banheiro, do profundo das imagens espelhadas, fotografadas e reveladas em pintura; à explosão, ao deslocamento, passaram-se uma guerra inteira. E um oásis também.

Como assegura Christiana Quady, na sua Tese de Pós-Graduação, *A Representação da Pele na Pintura*, pag.49: “Não se trata da reconstrução da aparência de um corpo, mas da materialização do existir em um corpo, da consciência dessa superfície,” (...) como reconhecimento de como ela produz e recebe sensações”.

Na busca visceral pela compreensão desse corpo/pele superfície vivida, fui acumulando-me em superposições, afogando-me em cores e texturas. E quanto mais me texturizava, me construía, mais a explosão era anunciada. Mais essa pele se descolava desse corpo (fig.10 e 89)), e se transformava em pura abstração.

Eis o Sublime.

Um corpo, uma pele, um couro, uma pintura.

Desdobramento. Expansão. Deslocamento.

O Eu Real. É o sem fim.



Fig. 89 - Thelma Quevedo - Técnica mista - s/ título - 2017

“Quem conhece a verdade de que o Homem Real é eterno, indestrutível, superior ao tempo, à mudança e aos acidentes, não pode cometer a estultice de pensar que pode matar ou ser morto. (...) Sabendo isto, não te entregues à aflição pueril”. (Bhagavad Gitã, A Mensagem do Mestre, 2006).

“Puro é o prazer que nascido do bendito autoconhecimento, no princípio repugna como adstringente peçonha, mas no fim deleita, qual suavíssima ambrosia” (Bhagavad-Gîtã: A Mensagem do Mestre, 2006).

REFERÊNCIAS

- Quady, Christiana, Tese do Programa de Pós-Graduação, A Representação da Pele na Pintura, 2012, pag. 35, 37 e 49.
- Rothko, Mark, Kate Rothko-Prizel & Christopher Rothko/VG Bild-Kunst, Pintura Como Drama, Bona, 2010, pag. 5, 10 e 47.
- Anselm, Kiefer. Disponível em: <<http://www.historiadasartes.com/prazer-em-conhecer/anselm-kiefer/>> Acesso em: 13/09/2017.
- Contrin, Cecília e Ferreira, Glória (ongs). Escritos de Artistas, anos 60/70, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, pag. 182-183.
- Rennó, Rosângela e Duarte, Alícia, Espelho Diário, Belo Horizonte, Editora UFMG, São Paulo, 2008, Introdução, s/pag.
- Albert Camus, O Pensador. Disponível em: < https://www.pensador.com/autor/albert_camus/> Acesso em: 02/10/2017.
- Pele Humana. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/pele-humana/>> Acesso em: 11 de junho de 2017.
- Pessoa, Fernando. Tabacaria. Barros Cassak, Sueli, Poesias/Fernando Pessoa, Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011, pag. 63.
- Bhagavad-Gîtâ: A Mensagem do Mestre, traduzido p/Francisco Valdomiro Lorenz, 22. Ed., São Paulo, 2006, pag. 30-31-167.